

# BENEFÍCIOS DO PROUNI MAQUIAM AS REAIS DIFICULDADES DOS ESTUDANTES

Por Alexandre Maciel

O Programa Universidade para Todos (ProUni) é um projeto do governo federal que tem como premissa conceder bolsas de estudos em cursos de graduação, cujo alvo é a parcela carente da população, tendo em vista à inclusão destes no ensino de nível superior. Teoricamente, o objetivo desse projeto poderia ser digno de elogios, afinal, é dirigido a alunos que venham do ensino médio da rede pública, ou da rede privada em condição de bolsistas integrais.

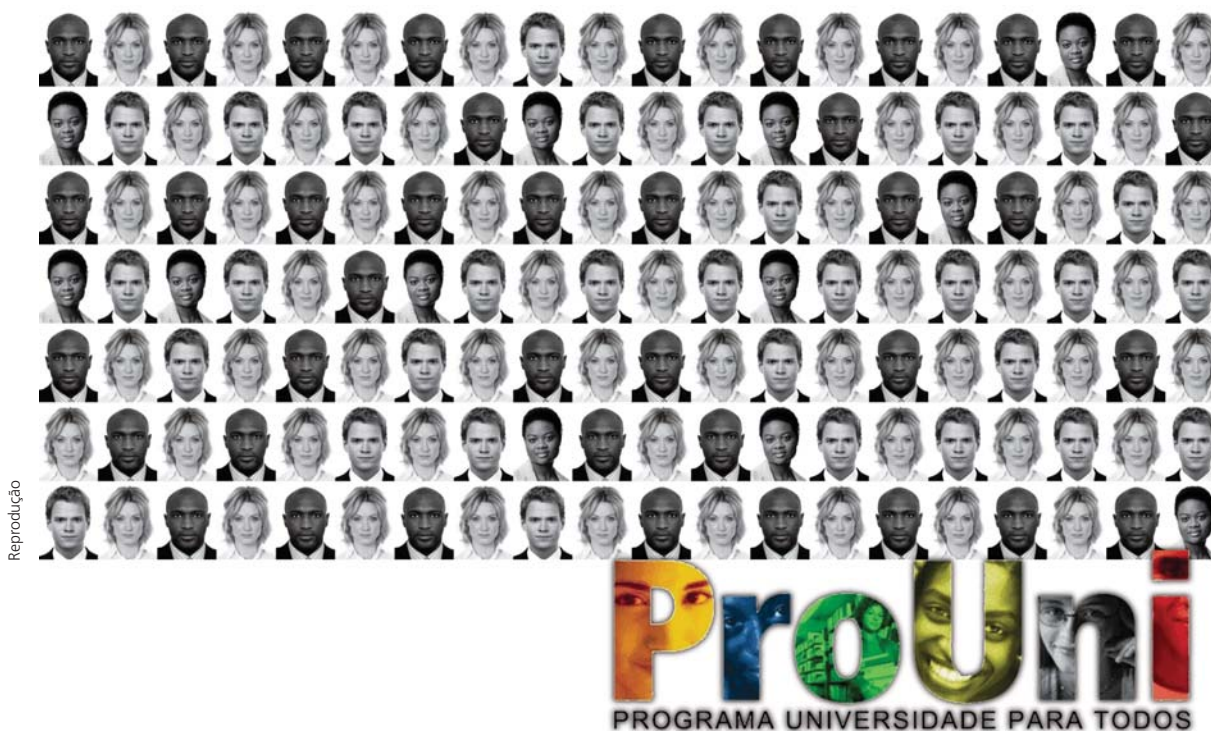
Funciona basicamente da seguinte forma: o estudante presta o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), tem de atingir nota mínima de 400 pontos como média das cinco notas obtidas nas provas, sem ter zerado na redação. Depois as bolsas são distribuídas conforme a pontuação obtida no Enem. São duas modalidades de bolsa: integral (100%), para ingressantes que sustentem renda familiar de até um salário mínimo e meio por pessoa, e parcial (50%), para estudantes de renda familiar, também por pessoa, de até três salários mínimos.

As Instituições de Ensino Superior (IES), ao aderirem ao programa ficam isentas de uma série de tributos – Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ), Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido (CSLL), Contribuição Social para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e Contribuição para o Programa de Integração Social (Pis/Pasep). Essa série de benefícios para as instituições, juntamente com o fator de terem autorização automática para ampliação de vagas e ainda receberem do governo o valor das mensalidades referentes às bolsas é que tem causado uma divisão de opiniões quanto aos benefícios do programa.

Alguns analisam que com a isenção dos tributos e o valor que o governo arca com as mensalidades, o lucro das universidades privadas aumentou expressivamente, favorecendo os donos das universidades, sem preocupação direta com a qualidade do ensino e ampliando uma rede cuja responsabilidade deveria ser majoritariamente do Estado, já que a educação é essencialmente social. Em nota intitulada “Alunos fora da campanha política”, escrita para o jornal *O Estado de S. Paulo* em novembro deste ano, Gabriel Mario Rodrigues, presidente Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e Reitor da Universidade Anhembi Morumbi, aponta que em 2009 as 2.243 instituições de ensino superior privado do país tiveram um faturamento de R\$ 24 bilhões.

A análise do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE) indicou que, também em 2009, apenas 14,4% da população entre 18 e 24 anos estava matriculada em cursos superiores. Ou seja, dos 5,2 milhões de alunos matriculados na data da última pesquisa, menos de 20% estavam em universidades públicas.

*Após cinco anos de sua implementação, o programa de bolsas do governo federal ainda gera dúvidas quanto aos seus benefícios*



Reprodução

Por outro lado, outros argumentam que para efeito de curto prazo o ProUni é uma boa solução. Em entrevista concedida à *Revista Caros Amigos* nº 164 (novembro / 2010), o aluno Augusto Chagas, 28, presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), diz que “precisamos ampliar a rede pública, mas a velocidade com que se é possível expandi-la não é suficiente para garantir o acesso a pessoas que tem demanda de chegar à universidade hoje, precisamos de mecanismos para oferecer acesso imediato”.

Opinião parecida tem quem vive ou viveu a oportunidade de ser beneficiado com o programa. É o caso dos alunos Marcus Pilão e Leonardo Aragão que cursaram jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como bolsistas e fizeram sua Tese de Conclusão de Curso baseada em histórias de outros alunos também bolsistas pelo programa, além das suas próprias. “Uma situação que chamou minha atenção em particular foi perceber que 90% dos personagens tentaram entrar em universidade pública antes de conseguir a bolsa no ProUni. Isso para mim comprovou uma tese: apenas o investimento em ensino superior público não resolve os problemas dos alunos vindos de escolas públicas. Se o governo apenas destinar recursos para expandir as universidades públicas, aumentando o número de vagas, ele estará beneficiando a mesma parcela da população que hoje é maioria nas universidades públicas: os jovens de classe média alta que estudaram nas melhores escolas. Não existe justiça na disputa entre um estudante vindo de uma escola estadual de Caieiras (meu caso) e outro vindo do colégio Rio Branco. Por melhor que esse estudante pobre seja, seu ensino escolar de base é insuficiente para concorrer com o estudante mais abastado. Uma disputa justa só existirá quando

houver melhoria substancial no ensino público de base. Coisa que, sabemos, ainda não existe. Por isso o ProUni é um importante instrumento de correção histórica, pois serve para garantir que nossa geração tenha uma chance. Eu sou o primeiro da minha família a concluir a universidade”, diz Marcus, 26 anos, que hoje trabalha com assessoria de imprensa.

Leonardo, 23, parceiro de Marcus na autoria do livro-reportagem resultado do TCC “*Chance Única, a alma do ProUni*” diz que também compartilha da opinião de Marcus sobre os investimentos em universidades públicas. “Serão insuficientes se não forem realizados com maciço investimento no ensino público de base, para que os alunos oriundos das escolas públicas tenham condições de disputar as vagas. A grande ressalva que faço ao modelo atual do ProUni é a avaliação da qualidade dos cursos oferecidos. Não é justo que o simples fato de oferecer bolsa dê salvo conduto à universidade de ter péssima estrutura, professores mal qualificados e nenhum apoio ao bolsista. O acompanhamento das universidades concedentes deixa a desejar”.

Para jovens, como Patrícia Carvalho, 18, que ingressou na universidade no período letivo de 2010, também na situação de bolsista, “os grandes problemas vistos em nosso país são resultantes da falta de estrutura, neste caso me refiro a diversos setores, não só a educação. Sendo assim, incluir um aluno na universidade é dar a ele a base necessária para seu desenvolvimento social, não falo apenas de um desenvolvimento material, mas também cultural, um desenvolvimento como pessoa, como ser humano. Educação de qualidade tem a capacidade de ampliar horizontes, você nunca sairá de uma universidade da mesma forma que entrou”.

**Dificuldades no ensino de base** – Uma das maiores dificuldades para o ingresso em uma universidade pública ainda é o nível exigido nos vestibulares de universidades públicas em relação ao nível de conhecimento que o aluno traz na bagagem. Mesmo para padrões como o que é exigido no Enem, é difícil para um aluno que estudou durante toda a vida em escolas públicas atingir a pontuação necessária para ingressar em uma universidade de sua preferência. É o caso da Patrícia, que apesar de estar cursando, não conseguiu a pontuação necessária para ingressar em nenhuma das opções que havia escolhido. “*Eu não havia alcançado a pontuação necessária para ingressar no curso universidade que havia escolhido na primeira chamada, já havia perdido toda a esperança de ingressar em uma universidade este ano e, até me matriculado em um cursinho popular, eu estava tão determinada a ter uma nota melhor no próximo Enem, tão focada nesta meta, que a última coisa que eu poderia pensar era em ser selecionada na segunda chamada do ProUni*”, conta.

Por conta dessa dificuldade herdada dos anos anteriores, muitos alunos acabam perdendo um, dois ou até três anos por conta de estar determinado em ser aprovado em uma universidade pública, ou tradicional como é o caso da PUC – cujo motivo principal para a persistência é o nível de ensino – e acabam ingressando atrasados em relação aos demais alunos que tiveram um ensino de base mais consistente. “*Foi por um acaso que eu precisei entrar no meu e-mail e, junto a um monte de spam, eu vi um e-mail que chamou minha atenção. Logo que abri, sai ligando pra todo mundo ‘pra’ contar que eu havia sido selecionada e que iria estudar na PUC. Mas logo em seguida me dei conta de que tinha dois dias pra juntar um monte de papel e torcer pra não ter dinheiro de mais ou de menos, pois, caso o aluno não comprove que ele tem condições básicas para se manter na universidade, digo dinheiro para transporte, alimentação e afins, a bolsa também não é concedida. No meu caso, por sorte abri o e-mail naquele dia, mas penso em quantos alunos não passaram pela mesma situação e perderam a oportunidade de cursar o ensino superior por não ter aberto um e-mail, as vezes não por descuido ou falta de tempo, mas por não ter acesso a internet*”. Patrícia mora em Embu das Artes e leva duas horas para ir até o câmpus Monte Alegre que fica no bairro de Perdizes. Atualmente, dos 17 mil alunos matriculados na PUC-SP, 1.530 são bolsistas pelo ProUni.

Para Simone Freire, 20 anos, que está no quarto ano, também do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade, alunos que, após o ensino médio, entram em uma universidade de porte ainda são exceções: “*Eu me considero uma exceção. Os alunos que conseguem sair do ensino médio e entrar em uma faculdade boa ainda são exceções*”, e completa: “*eu acho que há diferença entre o aluno ‘prounista’ e os alunos de uma família de classe média, que aqui na PUC é a maioria. Eu me julgo comunicativa e me dou bem com todos os meus amigos aqui, mas ainda assim, sinto a diferença*”.

Problemas gerados pela falta de qualidade na educação básica de um aluno que vai ingressar na faculdade podem gerar um distanciamento que nem todos os alunos conseguem superar. Patrícia acredita de chega a ser desleal comparar um aluno “prounista” com algum outro aluno que já teve uma preparação mais consistente durante sua vida: “*principalmente falando em alunos do ProUni que ingressam em grandes universidades como a PUC. O perfil dos estudantes de universidades como a Pontifícia é muito diferente dos jovens que vêm*

*de escolas públicas, eles vêm de famílias muito melhor estruturadas culturalmente, têm educação de qualidade durante toda a vida, muitas vezes já tiveram experiências internacionais, falam outros idiomas. Não dá pra comparar, por mais que um aluno do ensino público tenha dedicado a vida toda a estudar, ao ingressar em uma universidade de qualidade, caso o mesmo tenha o mínimo de senso crítico, ele vai notar logo nas primeiras semanas esta diferenciação, mas acredito que este contraste sociocultural vá se amenizando no decorrer do curso*”.

O problema maior é quando esse distanciamento de conhecimento se torna um preconceito. Meire Rose Morais, 46, se formou no 5º ano de Direito pela PUC com muita dificuldade. De várias naturezas. Entre elas, problemas de relações dentro da sala de aula. O caso de Meire veio à tona em outubro de 2010, pouco antes de se formar, quando, em uma troca de e-mails, foi vítima de ofensas gravíssimas de cunho racial e socioeconômico pela sua companheira de sala, Tatiana Ayrosa. Em relação ao seu início de curso, Meire conta que “*no primeiro ano, tinha uma comunidade no Orkut (rede social via internet) em que tiravam ‘sarro’ de mim. Diziam que ‘a Meire é velha’, ‘a Meire fala muito’. Aí eles foram mudando no conceito comigo. Quando eles não eram solidários comigo, eu era solidária com eles. Na verdade, isso não mudou muito, eles passaram a não me rejeitar, mas não foi o caso de passarem a me acolher*”. Quanto ao caso de racismo ocorrido pelo correio eletrônico, ela diz que “*estavam dis-*

*cutindo justiça restaurativa, eu disse que aceito, mas primeiramente vão ter que ir lá em casa. Ir do mesmo jeito que eu vou. Pegar o trem no horário de pico, ida e volta, de manhã cedinho. E ver a minha casa, como é a comunidade, qual a minha realidade, aí a gente discute justiça restaurativa. Mas parece que eles estão com medo de darem punição à garota. A preocupação é terem de punir essa menina*”.

**Um olhar mais atento** – Todos os problemas enfrentados pelos alunos bolsistas traz à tona uma realidade que a maioria dos alunos das grandes universidades ainda não conhece. São esses mesmos empecilhos que acabam provocando a desistência de quem muitas vezes travou uma verdadeira batalha para ingressar na universidade, mas por motivos maiores acabou tendo de parar no meio do caminho. A professora Ilisabet Krames, atual diretora do Colégio de Aplicação da Univali em Balneário Camboriú (CAU), em sua Tese de Doutorado, “*Na trilha do ProUni: implantação, acompanhamento e perspectivas em uma instituição de ensino superior de Santa Catarina*”, demonstra que, dos mil alunos analisados que ingressaram na IES pesquisada no primeiro semestre de 2006, 129 já haviam abandonado a faculdade no segundo semestre de 2007.

Para entender um pouco mais as dificuldades que os alunos “prounistas” enfrentam durante o processo acadêmico é necessário que se conheça melhor a realidade de quem estuda sob estas condições. E foi isso que os amigos Marcus



“**EU ME CONSIDERO UMA EXCEÇÃO. OS ALUNOS QUE CONSEGUEM SAIR DO ENSINO MÉDIO E ENTRAR EM UMA FACULDADE BOA AINDA SÃO EXCEÇÕES. EU ACHO QUE HÁ DIFERENÇA ENTRE O ALUNO ‘PROUNISTA’ E OS ALUNOS DE UMA FAMÍLIA DE CLASSE MÉDIA, QUE AQUI NA PUC É A MAIORIA. EU ME JULGO COMUNICATIVA E ME DOU BEM COM TODOS OS MEUS AMIGOS AQUI, MAS AINDA ASSIM, SINTO A DIFERENÇA**”

(SIMONE FREIRE)

e Leonardo fizeram em seu TCC. “A ideia inicial surgiu em meados de 2009. Nossa intenção foi analisar o ProUni a partir de um ângulo ainda não contemplado nos trabalhos anteriores sobre o tema”, explica Marcus, que é casado a 5 anos e tem uma filha de 2 anos e meio. “Ela nasceu quando eu estava no segundo ano universidade. Não foi fácil conciliar. A questão financeira não permitiu que eu fizesse estágio nos primeiros anos, pois estágio paga muito mal. Trabalhei em um escritório de contabilidade desde os 15 anos e foi graças ao salário recebido lá, que eu consegui conciliar a criação da minha filha e o término dos estudos. Apenas no meio desse ano eu saí do escritório para trabalhar com jornalismo”, e confessa: “tem sido o período mais difícil em termos financeiros. Minha filha nunca me deu trabalho e é meu maior orgulho. Minha esposa me dá muita força e me ajuda em tudo. Na verdade, acredito que só estou concluindo a universidade graças à presença de ambas na minha vida”.

A vida pessoal de seu companheiro de livro, Leonardo, também é uma batalha à parte. “Sou ferroviário, aprovado em concurso público na CPTM. Para não me formar sem experiência profissional, consegui um estágio na assessoria de imprensa da Secretaria da Segurança Pública. E o que tive que fazer? Trabalhar das 22h às 6h na CPTM, ir para o estágio de manhã e dormir somente à tarde, umas 3 horas por tarde, porque tinha que correr e chegar à PUC a tempo de assistir a primeira aula, apenas. Imagina a correria que foi. Fiz isso porque o salário de estagiário não per-

mitia ajudar nas despesas familiares. Não poderia abrir mão do meu salário mais os benefícios ainda. Ano que vem (2011), já formado, vou continuar na ferrovia e aguardar oportunidades no jornalismo. Pelo menos já tenho um bom dinheiro guardado para não passar aperto”.

“A maior dificuldade é entrar no mercado de trabalho. Precisamos trabalhar para pagar as contas e não podemos prescindir disso para sobreviver. Os estágios pagam mal e isso é um fator impeditivo para muitos bolsistas. Conheço estudantes prounistas que se formam sem experiência alguma, indo para outras áreas devido a dificuldade de obter colocação na área de formação”, explica Leonardo.

Em relação às histórias do livro-reportagem, Leonardo diz que é realmente a luta dessas pessoas para atingirem seus objetivos o que chama a atenção. Soma-se a isso os obstáculos como falta de apoio da família, desconfiança, ter de trabalhar desde cedo, problemas de alcoolismo, drogas e estrutura familiar prejudicada. “Com relação às histórias do nosso livro, algumas peculiaridades chamam a atenção, como por exemplo, o caso da Débora que trabalhou na imobiliária dona de sua casa por seis meses, de graça, apenas para sua família não ser despejada. Isso com 13 ou 14 anos. Hoje é jornalista formada. Incrível e inspirador”, conclui.

Para Simone, que começou a trabalhar pouco antes de entrar na PUC, houve um momento em que teve de arriscar para que pudesse entrar no mercado de trabalho: “quando estava indo para

o terceiro ano do curso pensei: ‘se eu não começar a minha carreira agora, não vou começar mais!’”. Simone, que hoje está estagiando na revista Retrato do Brasil, conta que gosta muito do lugar onde está atualmente, mas teve uma grande dificuldade para encontrar emprego: “eu não conseguia me dedicar para a faculdade tanto quanto eu deveria nos dois primeiros anos, por conta do trabalho e também por ser em período integral. Então, eu chegava na PUC umas 19h30 (as aulas começam às 18h50), perdia muita coisa, chegava cansada. A maioria dos meus trabalhos eram medianos”.

Já no caso de Meire, que é mãe de três filhos, a história foi ainda mais difícil: “eles ficaram sem mãe”, conta. “Inclusive receberam minha dedicatória (no TCC). Um ‘menino’ meu repetiu dois anos porque eu tava na faculdade e não conseguia acordar ele. Tentei mudar o horário e cheguei a falar na escola dele, expliquei que eu estudo em uma faculdade onde as mães têm as casas com empregada e os ‘meninos’ são acordados e ainda fazem o cafezinho deles para não irem sem comer para a faculdade. Me disseram que como ele não trabalha, isso é um privilégio, ele que se vire para acordar. Eu priorizei a faculdade. Deixei de lado a casa, os filhos”. Em meio a tantos empecilhos, a estudante Patrícia deixa a sua dúvida: “até quando a grande maioria dos jovens, que assim como eu, já nascem em desvantagem no quesito oportunidade, serão privados de uma das únicas coisas que poderão lhe proporcionar uma vida melhor: a educação?”



Reprodução



Reprodução

“**A MAIOR DIFICULDADE É ENTRAR NO MERCADO DE TRABALHO. PRECISAMOS TRABALHAR PARA PAGAR AS CONTAS E NÃO PODEMOS PRESCINDIR DISSO PARA SOBREVIVER. OS ESTÁGIOS PAGAM MAL E ISSO É UM FATOR IMPEDITIVO PARA MUITOS BOLSISTAS. CONHEÇO ESTUDANTES PROUNISTAS QUE SE FORMAM SEM EXPERIÊNCIA ALGUMA, INDO PARA OUTRAS ÁREAS DEVIDO A DIFICULDADE DE OBTER COLOCAÇÃO NA ÁREA DE FORMAÇÃO**”

(LEONARDO ARAGÃO)



Reprodução